

I

Porque é que isto me acontece a mim?

Conjecturas sobre o animal que se depara consigo mesmo, que se propõe fazer coisas grandiosas, que muitas vezes caminha sem sair do mesmo sítio e que às vezes está farto de tudo

Antropologia é aquela interpretação do homem que, no fundo, já sabe o que é o homem e que, por consequência, nunca pode perguntar quem ele é. Porque, com esta pergunta, tinha de se reconhecer a si mesma como abalada e vencida. Como se pode fazer tal exigência à antropologia quando só e exclusivamente tem de prestar a garantia posterior da auto-segurança do sujeito?

Martin Heidegger, *Die Zeit des Weltbilds*

1. Blocos auto-erráticos*

No rebordo Norte dos Alpes e na faixa a sul dos glaciares da Escandinávia podem encontrar-se, no meio de planícies verdejantes suavemente onduladas ou planas, grandes fragmentos de rocha, cuja origem sempre deu uma impressão enigmática desde tempos imemoriais. A linguagem popular chama a estas gigantescas rochas ali espalhadas desordenadamente blocos erráticos, talvez para exprimir que, à vista de semelhantes objectos, quase ninguém é capaz de conter o sentimento de se encontrar perante um achado digno de atenção. Quem tem perante si um bloco errático confronta-se com um objecto cuja natureza ou modo de existir é o de fazer-

* Em alemão *Selbstfindlinge*. O autor joga com a semelhança fonética de *findlinge*, «bloco auto-errático», e *finden*, «achar». Assim, a palavra alude a «achados a si mesmos», pois *selbst* significa «a si mesmo». (N.T.)

-se notar. O que se evidencia é o que não é compreensível a partir do seu meio envolvente. Talvez soe também nessa expressão a ideia de que as grandes pedras foram abandonadas por uma longínqua montanha madrastra, de certo modo como crianças minerais enjeitadas cujos equivalentes humanos costumavam ser depositados pelos pais desnaturados nos degraus das igrejas ou nas entradas dos hospitais.

O Iluminismo não se detém perante as pedras e, evidentemente, a investigação geológica do nosso século esclareceu o mistério das rochas erráticas e forneceu-nos a sua filiação ao pormenor. Nós sabemos que os fragmentos de rocha foram transportados, durante a última era glacial, das montanhas para as planícies onde, após o degelo, ficaram erraticamente espalhados como testemunhas de uma história que nenhuma memória humana consegue atingir.

Para quê falar de pedras se o tema é o Homem? A partir do modo de existir da pedra não há, ao que parece, nenhum caminho que conduza ao modo de existir do Homem. É certo que os egípcios, se a impressão que nos deixaram não for enganadora, se esforçaram para transferir o homem para pedra; também foram dados a homens nomes de pedras; inclusivamente, até se crê que a igreja foi edificada sobre uma pedra humana. No entanto, persiste-se em que a pedra «é», enquanto do homem, e só dele, se pode dizer que «existe». A alusão de Ovídio, no fim dos seus *Fastos*, de que a humanidade actual descenderia das pedras que os ancestrais Deucalião e Pirra semearam depois do declínio da geração do ferro, já não pode esperar ser compreendida actualmente. Quem semeia pedras, colhe homens — esta não é uma frase possível para uma antropologia moderna.

A única razão para chegar aos homens a partir das pedras tem a sua origem no efeito do bloco errático, o qual, inegavelmente, também se torna patente no sujeito humano. Talvez não aconteça frequentemente, mas pode ser que os homens se detenham no meio da paisagem das coisas e que fixem a atenção no seu Eu. Subitamente, deparam com a circunstância sem par de estarem «aí» — uma particularidade que é bem o oposto de uma descoberta objectiva, mas choca na consciência como um motivo repentino e emergente de descobrimento. Infelizmente, a palavra existência perdeu a sua acutilância, gasta pelas infundáveis discussões do século, e já não serve adequadamente para designar essa abismal excentricidade que é o próprio acto de presença para a natureza humana. O conceito de existência já há muito tempo que se transformou num chavão académico. Onde ele surge, desperta nostalgia, como um postal de Paris dos anos cinquenta. Já quase não evoca o inesperado, o rebelde e o inquietante que o extático achamento pessoal pode ser. O que sobra dele é medo e diferença pasteurizados filosoficamente. O que está realmente em jogo com esta palavra foi definido, para citar um exemplo, por Ernst Bloch numa observação autobiográfica verbal que me parece tão preciosa como todo o seu sistema: um dia, quando teria uns dez anos, sentiu, como que atingido por um relâmpago caído do céu, o seu «Eu»; sim, que ele era, real e irrevogavelmente, ele próprio, e que não sairia vivo de si mesmo ou do seu corpo. Estas iluminações medrosas surgem apenas episodicamente: nenhum discurso, nenhuma ascese conduz ao pânico da experiência do

Ser-aí, do «Dasein»*. O Eu encara-se, desprevenidamente, a si mesmo como um achado incondicional. O bloco errático experimenta-se nesse momento como um ser inquietante que, pura e simplesmente, não é coisa nenhuma e que também não pode ser compreendido como reflexo das coisas. Eu não sou nenhuma das coisas. Isto significa: eu já não encontro nenhum amparo no que não é humano; não sou, e agora sei disso, pedra, nem planta, nem animal, nem máquina, nem espírito, nem Deus. Com esta sêxtupla negação circunscrevo o mais inquietante de todos os espaços. O homem vive numa posição que se estranha absolutamente a si mesma. A partir de aí, eu não sou mais do que o cenário de uma pergunta. A minha vida é um teatro do estremecimento perante ter de ser diferente de tudo o que goza de *confort*, coisa entre coisas, ser entre seres. Porque é que isto me acontece a mim?

Uma das características típicas desta experiência do Ser no ser Eu é a sua brusquidão. Um rasgão no cinema do cérebro que se toma a si próprio por pensamento, e a súbita presença da incerteza radical entreabre-se até para os conceitos mais valiosos: ser, causa ou Deus são apenas ideias convencionais. Poder-se-ia falar de aberturas imprevistas de um alçapão através do qual eu me precipito — se, ao menos, pudesse dizer para onde. Não são raras as vezes em que, para sinalizar a direcção da queda, se aponta para nós próprios e se diz: em mim mesmo, quando seria mais exacto admitir que a direcção da queda permanece indiscernível — cai-se no absurdo interior, na galáxia subjectiva. Quem poderia dizer para onde isto conduz? Se o homem fosse um ser que, por natureza própria, se procurasse a si mesmo, o achamento de si seria menos estranho. Porém, o escândalo do homem consiste em que ele se pode achar sem se ter procurado. Tem-se vinte e três anos ou trinta e um, ou ainda mais, e descobre-se, ao atravessar uma rua ou quando cai o chaveiro, que, realmente, se existe. Contra isto, não há nenhuma protecção segura. Nem a teoria nem o álcool podem garantir uma prevenção impenetrável contra o Ser-aí. *Safer thinking, safer drinking* — não serve em todos os casos. Nem mesmo aqueles que, regularmente, vão fazer *jogging* para o bosque e que, a partir dos trinta anos, fazem *check ups* preventivos podem excluir completamente a hipótese de sofrer um ataque de existência durante a noite. Aquele que passa por isto junta-se à comunidade dos indivíduos desprendidos pelo assombro, junta-se aos blocos auto-erráticos, «numa paisagem monstruosa onde é impossível orientar-se» — transponho uma conhecida fórmula de Wittgenstein do contexto das investigações linguísticas para o da exegese do Ser-aí. Também sob os blocos erráticos derreteram os glaciares. Enigmáticos para si mesmos, jazem, cada um para seu lado, desassossegados e isolados, na paisagem. Um monumento, que respira, de uma história primordial que se subtrai à própria memória. Eu sento-me à mesa e existo; avisto a raiz de um castanheiro e sinto um estrangulamento na garganta: Existência. Felizmente, o «Eu existo» não é um pensamento que deva poder acompanhar todas as minhas re-

* A partir daqui, o termo *Dasein* será sempre traduzido por Ser-aí. (N. T.)

apresentações. Quando é que isto passa? Os blocos erráticos estão dispersos na paisagem dos seus congéneres, como irmãos das cabeças megalíticas da Ilha da Páscoa, aparentemente decididas para sempre a não ceder o segredo da sua presença a nenhuma investigação. No entanto, aquilo com que temos de lidar não são nenhuma esculturas positivas — mas antes os negativos das mesmas, vazios na série das coisas, vácuos no *continuum* do existente, hiatos no ser, entreabrindo-se sem motivo, tão chocantes quanto incompreensíveis para si mesmos e para os seus semelhantes. Uma pessoa acha-se a si própria e não sabe o que fazer com isso.

Isto tudo parece pedir a psicanálise. Para a razão moderna é inaceitável que seja justamente o órgão central do Iluminismo, o Eu adulto e criador de projectos, a ser afectado em si mesmo por uma inquietação irracional. Não foi, em última análise, o conceito psicanalítico do Eu especialmente concebido para banir o inquietante para as margens da vida auto-suficiente e lhe disputar todas as pretensões a um lugar no centro? É característico da interpretação psicanalítica do homem não poder aceitar que o achado dos blocos erráticos seja sem fundamento. Segundo esta, também o fenómeno, ou o episódio, do achamento de si repentinamente tem de ter uma razão de ser no sucedido — pelo que, aqui, o próprio caso deve significar a história da formação do Eu, juntamente com as suas fases e crises. A esta história aplicam-se os conceitos de individuação da psicanálise. Penso agora mais nos de Margaret S. Mahler do que nos de C. G. Jung, mais nas peripécias do segundo nascimento — com a «independência por corte umbilical» extra-uterino da criança em relação à mãe — do que na imersão arquetípica do analisando jungiano que tem de medir e integrar a sua «sombra». As mais significativas alusões a um fundamento real para o achamento de si sem razão de indivíduos a meio do seu percurso vital, descobrimos em Otto Rank, aquele discípulo de Freud, que desenvolveu a interpretação psicanalítica dos mitos, pela primeira vez, tornando-a uma real arqueologia do sujeito. Pensando ser apenas um aluno fiel do mestre, retirou as bases, desde logo, o esquematismo da análise clássica. Já em 1909, Rank antecipou a história primordial da subjectividade para muito antes dos dramas edipianos especificamente freudianos. A paleontologia do Eu de Rank retrocede até à fronteira que separa a vida intra-uterina do ser humano da luz mundana do pós-parto. O que Rank começou então a descobrir significava nada menos do que o nascimento da subjectividade heróica do espírito a partir da oculta tentativa de infanticídio. Isto torna-nos atentos porque, enquanto os heróis representarem os protótipos da subjectividade aos olhos da história cultural, as suas histórias figuram na pré-história de toda a vida, por prosaica que seja, que, no presente, diga Eu.

O breve texto de Rank sobre *O Mito do Nascimento do Herói* parece ser, à primeira vista, apenas uma daquelas inúmeras exegeses dos mitos que vagueiam pela terra de ninguém, entre o rigor reflexivo e o descuido — e que, de resto, já há muito tempo não incomodam ninguém. Na realidade, com Rank inicia-se a ruptura das análises mitológicas através da estratificação dos

sintomas secundários e da sua interpretação. Ele confronta-se pela primeira vez com a história real do primeiro Eu de começo fragilmente estruturado e deixa em aberto o tema dos processos primários¹. Não se trata ainda dos posteriormente conhecidos dramas das crianças talentosas; Rank também não fala directamente sobre a invisível mortalidade das crianças que hoje, no Primeiro Mundo, é muito mais elevada do que a visível no Terceiro Mundo. A grande descoberta de Rank gira em torno do drama da criança que escapou à morte, que se salvou quase por milagre de um arcaico atentado à sua vida e que, mais tarde, se pôs a caminho para se converter, de uma criança sobrevivente enjeitada, num sujeito em plena possessão da verdade da sua procedência. As histórias heróicas reunidas por Rank são, sem excepção, histórias de blocos erráticos no sentido literal. O seu padrão comum é o abandono de recém-nascidos nas montanhas agrestes ou nos rios perigosos. A maior parte das vezes, os futuros heróis são objecto de intenções homicidas da parte do pai e da mãe. Ocasionalmente, são despotismos políticos exteriores que forcem as mães a abandonar as suas crianças: pensemos nas lendas de Moisés ou de Édipo. Estas histórias têm também em comum a sina da «sorte no meio do azar». Através de um desígnio milagroso, intervem um ser benéfico — encontra-se uma abnegada mãe substituta, uma cabra, uma loba, uma ama, um aguadeiro, um pastor, um casal sem filhos. Estes assistentes providenciais salvam os blocos erráticos do declínio certo, levam-nos às suas cavernas, às suas casas, aos seus palácios, dão-lhes alimento, roupa e nome e perfilham-nos até à idade adulta. Só depois desta *holding* — para além dos laços de sangue e de todas as suas terríveis verdades — é que começa o terceiro acto da vida do herói, que traz à luz a individuação heróica. Por um motivo qualquer, o futuro sujeito dá com os traços da sua «verdadeira origem» e do seu «próprio sangue» assassino e remoto. O herói segue o rasto que o leva de volta ao local do crime primordial. Assim se encontra de regresso à cena do seu abandono, do seu violento alheamento. Mas, em virtude do texto mítico, aí descobre o seu verdadeiro desígnio. Converte-se no proprietário exemplar do título que lhe tinha sido recusado de início. Ascende a sucessor do pai ou do soberano em todas as funções; num caso famoso, inclusive até à posse sexual da mãe — à qual Sigmund Freud deu tanta importância, que promoveu Édipo ao primeiro lugar de todos os heróis, apesar de a sua união com a mãe constituir uma excepção, enquanto o abandono traiçoeiro pela mãe — ou, pelo menos, a sua separação violenta e quase mortal — representa a regra.

Agora é como se o anterior perigo vital tivesse dado espessura pela primeira vez à vida do herói e lhe tivesse posto no caminho a ânsia da ascensão. O bloco errático, que retoma os seus direitos, torna-se um soberano carismático, um chefe e um defensor na sociedade dos homens; para mais, um reductor. É-se tentado a ver nisto uma relação causal: justamente porque, ao

¹ Para uma definição mais precisa de «processo primário», ver na parte 2 deste capítulo as observações sobre determinação e paixão, p. 21.